

**SUELY SOARES SILVA**

**TÊNIS DE CAMPO NAS ESCOLAS: UM DOS CAMINHOS  
PARA A POPULARIZAÇÃO DA MODALIDADE.**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
1999**



**SUELY SOARES SILVA**

**TÊNIS DE CAMPO NAS ESCOLAS: UM DOS CAMINHOS  
PARA A POPULARIZAÇÃO DA MODALIDADE.**

**Monografia apresentada como requisito parcial  
para a obtenção de título de licenciado em  
Educação Física da faculdade de Educação Física  
da Universidade Estadual de Campinas, sob a  
orientação do prof. Me. Sérgio Stucchi.**

*DE 31/01/99*  
*Sueily Soares Silva*  
*Sérgio Stucchi*

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
1999**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico a minha segunda monografia, a todos os citados e representados na página anterior.

# SUMÁRIO

<b>Capítulo I: Nossas motivações/ Motivos de estudos. ....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo II: A gênese do movimento humano.....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo III : Educação Física escolar- um breve retorno às suas origens.....</b>	<b>25</b>
<b>Capítulo IV : Tênis de campo nas escolas, uma experiência que deu certo.....</b>	<b>35</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>45</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>46</b>

## **Resumo**

### **TÊNIS DE CAMPO NAS ESCOLAS: UM DOS CAMINHOS PARA A POPULARIZAÇÃO DA MODALIDADE.**

Uma cidade como Campinas, contando com uma população de 1.500.000 habitantes, aproximadamente, apresenta uma porcentagem crescente de praticantes da modalidade tênis de campo, influenciada, como todas as outras cidades do país, pelos meios de comunicação de massa que o divulga de uma forma suficiente para que desperte um grande interesse. Porém, ao mesmo tempo que o divulga, não o oferece na mesma proporção. Crianças e adolescentes de periferia já sentem-se motivados para a prática do jogo de tênis (considerado um esporte da elite). Porém não o haviam experimentado por falta de iniciativa formal e também não-formal, de pessoas ligadas ao esporte- cultura e ao esporte educação. Este público pôde aprender como se joga tênis de campo, a partir da idealização e aplicação de um projeto de tênis nas praças públicas de Campinas, que posteriormente foi aplicado nas escolas da rede pública, por professores que participaram do curso de reciclagem oferecido na Faculdade de Educação Física da Unicamp.

**CAPÍTULO I**  
**NOSSAS MOTIVAÇÕES/  
MOTIVOS DE ESTUDO.**

## CAPÍTULO I *Nossas motivações/ motivos de estudos.*

Dentre os esportes, identificamos as modalidades esportivas com raquete e, neste momento, o tênis de campo é o que nos interessa desenvolver estudos, pois somos monitores do projeto de extensão/ modalidade tênis de campo, oferecido pela FEF- UNICAMP, aberto a comunidade interna e externa .

Sob orientação nós pretendemos, através de projetos e outros meios, divulgar o tênis de campo, para o maior número de pessoas possível. Esta divulgação independe de local e equipamento, pois seu objetivo é aumentar o número de praticantes da modalidade esportiva na cidade de Campinas. Oferecemos então ao público, cursos de inverno e verão, tênis em praças de esportes, clínicas de tênis e outros.

Infelizmente, muitas pessoas acreditam que essa modalidade de esporte só é praticada pela elite. Muitas vezes ouve-se a expressão: “tênis é coisa de burguês”. Talvez este pensamento errado seja fundamentado em fatos, como por exemplo o preço dos materiais utilizados, ou por dizerem os estudiosos do assunto que, este esporte foi inventado pelos aristocratas.

Talvez isto seja verdade, mas o interessante é que, ao conversar com o nosso orientador sobre a história do tênis de campo, pudemos ver transparências, que documentaram, a partir de ilustrações da época, a prática deste esporte pelos plebeus e camponeses. Note-se também o fato, de que, atualmente o tênis é praticado em bairros menos nobres da cidade. Uma outra modalidade de esportes com raquete, o squash, nasceu segundo a lenda, em celas de presídios, onde os presos rebatiam a bola, com suas raquetes contra as paredes das celas.

Neste momento retornamos ao passado e recordamos de um jogo inventado por nossa turma de jogos infantis, o qual denominaremos como “mão-bol” (não lembro o nome original). As palmas de nossas mãos eram utilizadas como raquetes e com elas rebatíamos uma bola de tamanho médio de borracha por cima de uma rede improvisada em direção ao campo do adversário.

Nesse jogo, as regras inventadas eram de acordo com o aparecimento de situações adversas, que culminaram até com um “livro de regras”, oriundo de nossas experiências com aquele bate-bola, uma versão caseira de modalidades esportivas com raquete. Nascia assim o nosso interesse por estes tipos de esportes, interesse que após um tempo, permaneceu adormecido e de vez em quando se misturava ao “bets”, um tipo de jogo

com tacos de madeira.

Tempos depois, por incentivo de um terceiro retomamos a brincadeira praticada na infância um pouco modificada pois agora aparece um nome diferente reconhecido como esporte utiliza materiais específicos, o jogo de tênis. Com seus movimentos característicos devemos ressaltar que, este esporte praticado agora, assemelha-se com o então denominado “mão-bol”.

Embasados em Go Tani (1983), o qual afirma que, as habilidades básicas andar, correr, saltar, rebater, receber, lançar, manipular e outras mais, sempre estiveram presente em todas as modalidades esportivas, é provável que, a movimentação exigida pelo esporte praticado pelo indivíduo, seja processos continuados de movimentação. (Tani, 1983.)

Para muitas atividades inclusive alguns esportes necessitamos de implementos e outros materiais diferenciados criados para muitas finalidades. Como em outros exemplos poderíamos nos deslocar, sem material de um ponto A para o ponto B, distante uns 2km um do outro, andando ou correndo. No entanto, utilizando um objeto com rodas, uma bicicleta isso se torna muito facilitado. O movimento de pedalar é diferenciado do caminhar, uma habilidade motora básica. Pedalar é um movimento no qual as pernas tem de efetuar giros alternados. A alternância

das pernas é a única coisa em comum entre os dois movimentos. No entanto a partir de nossa capacidade de adaptação em relação a novos obstáculos apresentados, conseguimos aprender como pedalar, controlar a bicicleta, coordenar equilíbrio, movimentação e direção. No começo, como em todo aprendizado, o movimento será feito lentamente e apresentará muitas falhas, mas com a prática de pedalar e domínio da bicicleta, aparecerão as habilidades específicas como empinar a roda dianteira, levantar a roda traseira, saltar utilizando rampas.

Um outro exemplo de coordenação de vários movimentos diferentes, é o ato de dirigir automóveis. Enquanto aprendizes executamos os movimentos lentamente, e concentramo-nos em cada etapa destes, tudo é efetuado com nervosismo e tensão. Após algum tempo de experiência, parece que os efetuamos de uma forma “automática”, não precisamos olhar para a alavanca para saber que marcha estamos engatando, e até mudamos as marchas ao ouvir o som do motor, ao contrário de antes que olhávamos para o velocímetro para saber que velocidade era e que marcha engatar.

Devido a todos estes fatores, quando deparamo-nos com o tênis de campo, e ao mão-bol, a iniciação talvez tenha sido menos “traumática”. Não queremos dizer com isto que seja traumatizante iniciar tênis de campo, a expressão foi utilizada para expressar uma facilidade de movimentação que

acreditamos ter por estarmos familiarizados com os implementos e as rebatidas.

Facilidade diante do movimento? Em nosso jogo infantil não havia a necessidade de raquete. O instrumento **rebatedor**, como o próprio nome já diz era a nossa mão. Deveríamos estar atentos à bola, observando sua trajetória, medindo sua velocidade, pensando na força que seria utilizada para **rebatê-la** para longe do adversário. No mão-bol, todas as rebatidas foram feitas com a mão. No tênis de campo a mão foi “substituída” pela raquete, existindo a preocupação em acostumar-mo-nos com o peso da raquete, o tamanho da bolinha e da quadra. Então diante de todas estas situações novas por quê dizemos que houve facilidade?

Observe que o **rebater**, pode ser efetuado com ou sem um implemento nas mãos, tanto nos jogos e esportes, como em outras situações. Podemos rebater uma pedra com um pedaço de pau, rebatemos uma bola de vôlei com as mãos, utilizamos tacos nos jogos de beisebol, raquetes no squash, tênis de mesa, de campo, “padle”, “biribol”, “badminton”, frescobol, utilizamos pedaços de madeira no bets, e assim por diante.

Podemos citar vários exemplos que demonstrariam que o ato de que **rebater** não está ligado a um implemento específico, como não há nada que nos impeça de rebater uma bola de vôlei com um taco de beisebol (não

estamos falando dos esportes e sim do movimento) portanto não há objeções em **rebater** um objeto sem implementos.

Todavia, devemos falar de regras. Agora tomaremos dentre os jogos e esportes citados anteriormente, o tênis de campo. Há a necessidade da utilização do implemento (raquete) para rebater a bola de tênis. Um movimento aparentemente fácil e bastante utilizado em nosso cotidiano, e que, na medida em que é modificado pela utilização da raquete, poderá se complicar. Sabemos onde nossas mãos estão, e o que estão fazendo sem termos a necessidade de olhá-las, já a raquete é um objeto novo, com um peso a ser reconhecido, com o qual deveremos nos acostumar e da eficiência do movimento dependerá do domínio da raquete.

Relacionando o mão-bol com o tênis, podemos comparar a raquete com nossa mão. Podemos imaginá-la como um prolongamento de nossos membros superiores. Por esta razão deverá atuar como se fosse nossa própria mão. Uma rebatida de direita (para o destro), seria a rebatida com a palma da mão; a rebatida de esquerda então com o dorso da mão. Assim fica equivalente conhecermos rebatidas com a mão. A raquete torna-se a nossa mão rebatendo a bola de tênis.

Quanto à movimentação em quadra e aos outros movimentos do jogo, também teremos uma facilidade pelo fato de que lembrando Go Tani

(1988), os movimentos específicos já são reconhecidos pelo nosso vocabulário motor.

No tênis, para se colocar a bola em jogo, deveremos **sacar** e para realizar o saque, devemos **pegar** a bola com uma das mãos (habilidade do grupo Manipulação), **lançá-la** ao ar (habilidade do mesmo grupo), atingi-la no ar, com o arremesso da raquete em direção ao campo adversário (habilidade do mesmo grupo citado). Em continuidade ao jogo, nosso adversário deverá **correr** (habilidade do grupo Locomoção) em direção à bola e **rebatê-la** de volta ao nosso campo. Imaginemos a devolução de uma bola longa e alta e para acertá-la deveremos **saltar** e efetuar uma mudança brusca em nossa direção sem perdermos o **equilíbrio**.

As habilidades específicas com mais complexidade serão apresentadas logo após a dominação das anteriores, desta forma uma rebatida de direita poderá ser aperfeiçoada utilizando-se um efeito, por exemplo o “top spin”, que dificultará a rebatida do adversário e assim por diante.

Como já dito anteriormente as habilidades básicas e específicas estão presentes em todo o decorrer do jogo. Para fins didáticos poderemos pedir ao aluno que arremesse a bola em direção à um alvo, imaginando que a bola seja uma pedra. Depois o faremos ver que este movimento é o **arremesso** feito no saque. Tendo como resultado maior eficiência no movimento.

Culturalmente, a nossa bagagem motora já identifica aquele tipo de movimento, daí a facilidade em executá-lo. Sabemos que arremessar a bolinha e acertá-la em pleno ar com a raquete são duas coisas diferentes porém já temos aquele movimento incorporado.

Considerando essas relações nós professores de Educação física, deveremos ao apresentar as modalidades de esportes com raquete para nossos alunos, levá-los a reconhecer esta afinidade entre o movimento ensinado e o que ele já tem desenvolvido, ajudando-o assim, a melhorar o seu desempenho, para que possa tirar prazer e sentir satisfação através do movimento corporal numa ação esportiva que permita assim, uma educação abrangente, ultrapassando a etapa inicial do conhecimento, ou seja, da familiarização com os implementos acessórios.

# **CAPÍTULO II**

## **A GÊNESE DO MOVIMENTO**

### **HUMANO.**

## CAPÍTULO II- A GÊNESE DO MOVIMENTO HUMANO

Ser concebido, nascer, crescer e morrer, são etapas naturais da vida dos seres vivos. Observe que estas três etapas estão em uma ordem. Ordem esta inalterável. Por mais que se tente é impossível alterar a ordem de um dos fatores, pois seria logicamente inconcebível. Exemplifiquemos: ao invés da ordem 1-nascer, 2-crescer e 3-morrer, coloquemos em ordens aleatórias, 3-2-1 ou 2-1-3 ; pode-se morrer, crescer e nascer? Não. Afirmamos, com isto, que todos os seres vivos (enfocaremos os seres humanos) terão que passar obrigatoriamente pelas três fases. É possível nascer e morrer sem um desenvolvimento completo e assim por diante. O fato é que, a ordem dos fatores não pode ser alterada pois, inversamente ao que acontece na matemática, a ordem dos fatores altera o produto.

Porém, neste ciclo biológico a uniformidade não estará sempre presente. Consideremos que nós humanos estamos inseridos em um ambiente em constante modificação. É empírico o conhecimento de que para sobrevivermos necessitamos nos adequar às mudanças apresentadas. Assim vamos nos adaptando a cada nova situação apresentada. A esta capacidade de modificação foi dada a denominação de **crescimento e desenvolvimento humano**.

Com intenção de discutir teorias e hipóteses sobre o assunto, utilizaremos cientistas pesquisadores do desenvolvimento humano.

Vamos supor uma experiência em laboratório. O experimento começa quando dez bebês, de mesma faixa etária são colocados em um amplo e moderníssimo laboratório com tecnologia de última geração. Toma-se o cuidado de inserir nos laboratórios todos os materiais, pessoas e outros suprimentos os quais possam satisfazer todas as necessidades dos experimentados até a idade de 20 anos. Todos os indivíduos (experimentados) serão monitorados e observados, pela equipe, em todas as atividades.

Passa o tempo, 20 anos depois, são feitos os relatórios: observa-se que o ciclo biológico permaneceu inalterado mas cada indivíduo atravessou às diferentes “fases” reagindo de maneira própria. Mostraram características próprias diferenciadas, mesmo quando diante de estímulos idênticos; apresentaram também diferenças no aspecto da velocidade de aprendizagem; observamos também que por mais que tentássemos e treinássemos os indivíduos, eles só ultrapassaram uma etapa após terem dominado a anterior (menos complexa), exemplificando, só aprenderam a arremessar uma bola após terem aprendido a manipulá-la.

Saindo do imaginário e voltando ao mundo real, é óbvio que não poderíamos, por mais que afirmássemos a importância e relevância de nossa pesquisa no desenvolvimento da ciência, trancafiar dez seres humanos em um laboratório. Todavia, nossa fictícia experiência apresenta certos conceitos relativos ao desenvolvimento humano, comprovados através de estudos científicos. Estudos este, que foram deixados de lado durante um bom tempo e que atualmente são intensos.

Go Tani (1983) relata que estes estudos só receberam atenção a partir de 1920, quando os objetos de estudo foram o bebê e a criança. A partir daí, surgiram várias teorias na tentativa de explicar como o ser humano se desenvolve e como se poderia intervir neste desenvolvimento visando aperfeiçoá-lo. A primeira delas diz que o desenvolvimento humano nada mais é que o resultado de mecanismos biológicos internos e regulatórios, denominados **maturação biológica**. (Gesell, in Tani 1929).

Desta forma, o processo correria por si só independente de estímulos ou outros fatores externos. Foi colocado que, baseado nesta teoria, os indivíduos deveriam ser apenas observados, afim de descobrir a seqüência do desenvolvimento e, a partir daí criam-se atividades objetivando aperfeiçoá-las. Com este conceito, houve superficialidade no estudo dos mecanismos e variáveis que poderiam influenciar no desenvolvimento motor

e suas fases específicas nas quais cada pessoa seria mais suscetível às influências de um trabalho organizado com objetivos específicos.

Considerando que a ciência, assim como o nosso universo, está sempre em modificação, é de se esperar que conceitos sejam questionados. Desta forma uma coisa que antes era considerada como certa, poderá ser questionada e neutralizada. Baseado em estudos mais aprofundados McGraw (1946) questionou a Teoria Maturacional, dizendo que esta tinha relevância apenas em parte. Não poderia ser utilizada como era anteriormente como único fato relevante. A maturidade ocorrerá em seu devido tempo não podendo ser ignorado o fato de que, os indivíduos estão expostos a várias situações e que experiências planejadas ou ao acaso, são fatores imprescindíveis para o pleno desenvolvimento humano. Outros cientistas como Piaget (1982), Leakey e Lewin (1982), Hebb (1949), reforçaram a importância das experiências motoras.

Dennis (1960) observou um orfanato no Teerã, onde bebês e crianças estavam situadas em um ambiente restrito e com pouca estimulação. Constatou então que: “60% das crianças de 2 anos de idade não sentavam sem ajuda, e 85% das de 4 anos não andavam sozinhas.”

Outros experimentos demonstraram que bebês interagem com o meio em que estão inseridos, reagindo a estímulos. Fantz (1964), demonstrou que bebês tem preferência em olhar para a face humana. Contrariando a crença de que, bebês são “cegos” até uma certa idade (meses após o parto). Meltzoff & Borton (1979), realizaram experimentos com bebês de 3 semanas de vida, utilizando dois tipos distintos de chupetas, uma lisa e a outra granulosa. Dividiram-se os bebês em dois grupos e cada um experimentou chupetas diferentes por um minuto e meio. Após este tempo, as chupetas foram retiradas. Foi então demonstrado em uma tela (para os bebês) as duas figuras das chupetas. A maioria dos bebês olhou para a figura da chupeta que estivera em sua boca. Com esta pesquisa, observou-se que diferentes estímulos, são processados por diferentes órgãos dos sentidos integrados e relacionados no cérebro.

Brower (1976) desenvolveu estudos, onde os bebês poderiam controlar o foco de imagens, através da sucção, em chupetas conectadas a estes aparelhos (reprodutores de imagem). As crianças podiam controlar a luminosidade de uma figura mediante o ritmo da sucção. Dedegasper & Fifer (1980), adaptaram este experimento, colocando fones de ouvido, onde o controle estava ligado à chupeta das crianças, observando que agora elas

poderiam ouvir também. Assim elas poderiam controlar o que ouviam, através da sucção. Em 1984 Dedegasper e Prescott substituíram as melodias por fitas, onde estavam gravadas várias vozes femininas, inclusive as vozes das mães. Anteriormente havia sido solicitado às mães que lessem contos nos últimos meses de gravidez, em voz alta, para os seus filhos. O bebês foram testados com as chupetas (após o nascimento) e ao ouvirem o conto que fora lido pela mãe, sugaram a chupeta vagarosamente, controlando a velocidade da sucção.

Com esta e outras pesquisas, cai por terra o tabu de que, bebês são criaturinhas indefesas e frágeis que não entendem nada, que atuam apenas por **movimentos reflexos**.

Atualmente percebemos que, estudos na área de desenvolvimento do movimento humano, estão bem desenvolvidos e aprofundados. Aprofundamento este, resultante de buscas em relação à melhoria da performance motora. Ao descobrir-se a gênese do movimento, em suas várias etapas e velocidades de aprendizado, tenta-se descobrir a origem dos problemas e das dificuldades motoras.

Conforme já dissemos anteriormente, o estudo do desenvolvimento foi considerado pelos estudiosos, como o **“estudo da criança”**.

*“É necessário focar a criança, pois enquanto são necessários cerca de vinte anos para que o organismo se torne maduro, autoridades em desenvolvimento da criança concordam que os primeiros anos de vida, do nascimento aos seis anos, são cruciais para o indivíduo.” GO TANI (1988, pg 65.)*

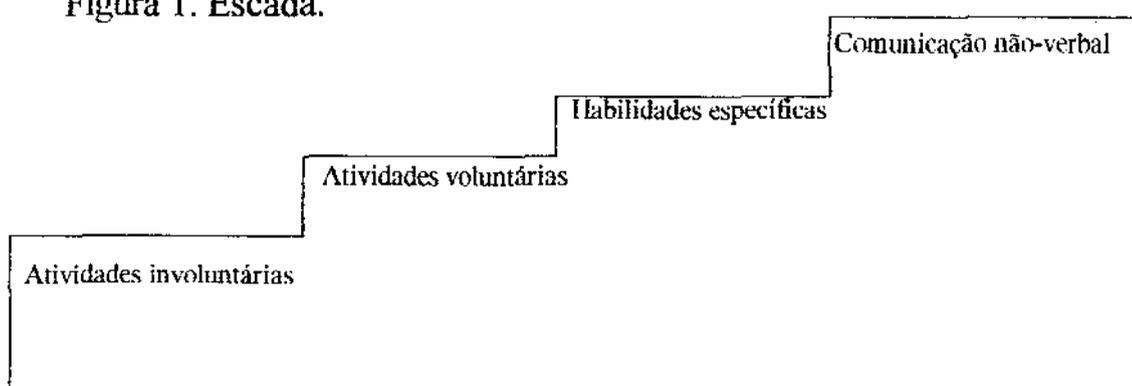
Segundo o autor a aprendizagem motora tem 3 características importantes:

1. O indivíduo adquire a capacidade de executar ações habilidosas, decorrentes de todo um processo de ações e eventos, ocorrências e mudanças, resultando em um nível melhor de execução de tarefas;
2. A aprendizagem não pode ser observada diretamente, pois é um processo interno ao indivíduo. Só pode ser mensurada através do desempenho deste em relação à atividade apresentada e sua habilidade para executá-la.
3. Para que ocorra o aprendizado é necessário que haja experiência anterior e/ou prática, despendendo-se tempo na realização da habilidade a ser aprendida.

Segundo Go Tani (1988), na seqüência do desenvolvimento motor existem “pontos de partida” pontos-chave, denominados **habilidades básicas**, que constituem um pré-requisito essencial e fundamental influenciando na efetividade das aquisições posteriores.

Segundo Gessell (1946), a seqüência do desenvolvimento motor tem como uma de suas características a direção céfalo-caudal. Por esta razão, o domínio dos movimentos parte do centro, indo para as extremidades.

Figura 1. Escada.



Para o mais alto grau do domínio das habilidades, a seqüência de aprendizagem segue 4 fases, a saber.

O **primeiro** e mais baixo degrau, representa a única fase em que os movimentos, em sua maioria, são involuntários. Como o próprio nome indica,

são involuntários, respostas automáticas, "programadas" e objetivando a sobrevivência (ex. Reflexo de sucção). A partir deste degrau e as experiências com o meio (interação), aparecerão outros tipos de reflexos secundários, como a preensão, o tônus do pescoço e outros movimentos voluntários.

O **segundo degrau** já representa uma fase onde o nível de dificuldade aumenta. Este é o primeiro das atividades voluntárias. Com estes movimentos indivíduo locomove-se, manipula objetos e interage com o seu ambiente em diferentes situações. Como já dito anteriormente, serve como base para aquisições futuras de bagagens motoras mais complexas, apresentando um nível de complexidade maior com objetivos específicos dentro de um determinado padrão de comportamento.

**Terceiro degrau.** Habilidades específicas, que são caracterizadas dentro de um padrão mais elaborado de comportamento. Como o saque no tênis de campo.

**Quarto e último degrau:** Comunicação não-verbal. Fazem parte deste, atividades motoras em níveis "hiper-complexos". Organizam-se de forma que seu conjunto de movimentos resultem em expressões corporais, etc. Ex. Dança, teatro, tênis de campo, badminton, squash no mais alto nível de expressão e domínio do movimento.

Observe que os conjuntos de movimentos apresentados pela escada são subdivididos em:

- Grau de dificuldade / simples, médios e complexos;
- Tipos (reflexos e voluntários);

**Determinação/ geneticamente, aprendidos e determinados sócio-culturalmente;**

Quanto mais vivências e experiências dos indivíduos em todas as fases do desenvolvimento, melhor será o produto final. Todas as habilidades, simples ou complexas estão sujeitas a fatores culturais. Tomemos como exemplo o dançar.

Atualmente em nosso meio social, estamos presenciando a febre do “axé-music”, influenciando crianças e adultos. Notemos que é só tocar músicas de grupos baianos (por exemplo), para um grupo de crianças, que em poucos minutos elas estarão efetuando movimentos complexos e estereotipados, idênticos aos da coreografia. Dançar então é isto? Seguir a coreografia das músicas? Acreditamos que dançar, não limita-se apenas, a isto. E sim ao ato de movimentar-se ao ouvir uma música, de qualquer maneira, independente de copiar coreografias ou estar no ritmo. O exemplo citado deixa evidenciado o fato de que os movimentos dos indivíduos são determinados também por fatores socioculturais.

Outro exemplo que pode ser utilizado é a natação. Se pudéssemos observar índios em uma aldeia nadando e se analisássemos os seus movimentos perceberíamos que eles utilizam algo semelhante ao estilo Crawl. O índio está nadando? Interessante perceber, que as habilidades variam de acordo com o meio em que o indivíduo está inserido. O índio poderia nadar com a cabeça dentro d'água (como no Crawl); o que não seria eficiente pois além da água do rio ser turva, ele poderia ser atingido por algum objeto que estivesse sendo carregado pela correnteza do rio. Nadar não significa utilizar um estilo e sim, sustentar-se e movimentar-se na água.

Neste sentido, reforçamos o conceito de que as habilidades básicas são de fundamental importância no conjunto do desenvolvimento por servirem de base nas combinações, resultando em habilidades específicas. Gallahue in Tani (1983), diz que, para chegar-se ao domínio de habilidades desportivas é necessário um processo longo no qual as habilidades básicas são muito importantes. Segundo ele, a fase dos movimentos fundamentais e o surgimento de suas múltiplas formas e combinações, está compreendida dos 4 aos 7 anos. As mudanças que ocorrerem nesta fase serão estabelecidas objetivando refinar as habilidades básicas, melhorando suas combinações e tornando as mais eficientes.

Assim, dependendo do talento individual, das oportunidades oferecidas e da motivação do indivíduo, este passará do estágio básico para estágios mais refinados e aprimorados de movimentos.

Segundo Berstein (1967) uma das características das habilidades básicas é o contínuo aumento nos graus de liberdade de movimentação dos vários segmentos do corpo, resultando em um padrão maduro de movimento o que é uma qualidade essencial para a aquisição das habilidades específicas.

*“Não é pequeno o número de indivíduos que não atingem o padrão maduro nas habilidades básicas, nas quais apresentam um nível rudimentar, o que prejudicará todo o desenvolvimento anterior.” Go Tani (1988, pg 73)*

As habilidades básicas podem ser divididas em 3 grupos: locomoção; manipulação e equilíbrio.

## **I. LOCOMOÇÃO**

De acordo com os padrões de movimento apresentados nesta categoria, as crianças podem explorar o espaço. Movimentos básicos como rastejar, andar,

subir, saltar e correr movimentos que proporcionam liberdade.

O rastejar é o primeiro nível de locomoção que a criança realiza. Após o engatinhar andar passa a ser uma segunda etapa, evoluindo de movimentos com pouca eficiência e velocidade para algo mais complexo. Partindo dos primeiros passos trôpegos e, à medida que o nível de eficiência aumenta, a pessoa passa a correr. Poderá saltar, trotar, andar de costas e assim por diante.

## **2. MANIPULAÇÃO**

Ainda está presente a exploração do espaço e o envolvimento da pessoa com objetos. O indivíduo poderá tocar (encostar as mãos em um objeto e senti-lo), apertar (pressionar com os dedos ) e segurar o objeto de diversas maneiras. Variações do manipular ocorrerão em diversas situações como por exemplo interromper a trajetória de um objeto (receber), ou mudar sua trajetória (rebater), quem sabe impulsionar o referido objeto para longe de seu corpo (lançar/chutar) ou conduzir o objeto de um lugar ao outro, vencendo obstáculos (driblar).

## **3.EQUILÍBRIO**

Em relação à força da gravidade, o indivíduo efetua movimentos mantendo uma postura específica. Girar os braços, flexionar o tronco, fazer parada de mãos, avião (movimento específico da ginástica artística), pular em um pé só; são exemplos de habilidades desta categoria.

**CAPÍTULO III**  
**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR,**  
**UM BREVE RETORNO ÀS SUAS**  
**ORIGENS.**

*Capítulo III – Educação Física escolar- um breve retorno às suas origens.*

Retornando as origens da Educação Física no Brasil, nos encontramos no século XIX, precisamente após 1822, onde o país recém independente, tenta firmar-se como nação. Esta ex-colônia, nova Nação, deveria criar um novo tipo de “homem”, diferente do homem colonial, portanto diferente do índio e negro (silvícolas e escravos); o novo homem brasileiro. Este brasileiro, padronizado, deveria enquadrar-se nos padrões europeus da época, garantindo assim a autonomia do país configurando um novo homem nacional.

Coube também à Educação Física moldar este modelo de homem, tornando-o forte e saudável mental e fisicamente. Médicos higienistas e militares, unidos, apoiados pela elite dominante, comprometeram-se com a melhoria dos padrões orgânicos, intelectual, higiênico, moral e físico da população, criando assim o cidadão inteligente, puro, limpo e saudável, apto a defender a sua pátria ( homem marcial) e genitor de filhos com todos estes adjetivos (mulher progenitora). Homem/ modelo que de acordo com a época e objetivos políticos, tinha sua valia, ou seja, seus objetivos modificados. Em meados do século XIX, como já dissemos anteriormente, este novo homem serviria como modelo de uma nova raça imperial mais recentemente, no

governo Vargas seria o soldado “espartano”, que garantiria a segurança da pátria e supriria a falta de mão de obra especializada, tão necessária à crescente indústria nacional recentemente implantada, na instituição militar em seus atletas fortes e capazes, representando a superioridade brasileira em jogos nacionais e internacionais. Para confirmar essa necessidade, Castellani cita que,

*“ A Educação Física por sua vez  
(canal institucionalizado desta prática), vista num plano  
educacional mais amplo a partir do final do século XIX e início do  
século XX, vai sendo incrementada e defendida como uma  
necessidade imperiosa dos povos civilizados.” (Medina, 1988 in  
Castellani )*

Segundo Castellani, a história da Educação Física no Brasil confunde-se em muito de seus vários momentos, com a história militar do país. O autor demonstrou esta afirmação, ao citar fatos como a introdução da ginástica alemã no país, através da nomeação de um militar, o alferes do Estado Maior de segunda classe, Pedro Guilhermino Meyer, para a cadeira de contramestre de ginástica da escola militar /Academia Real Militar, fundada em 1810, dois anos após a chegada da família real ao Brasil.

As seguintes datas nos indicam quando e onde foram implantadas algumas instituições de Educação Física em nosso país:

**1907-** Fundação da **Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo**. Esta foi instituída pela missão militar francesa especializada em Educação Física sendo a mais antiga do país.

**1922-** Cria-se o **Centro Militar de Educação Física** cujo lema era: dirigir, coordenar e difundir o novo método de Educação Física e suas aplicações desportivas.

Soma-se a estes fatos a presença de militares como os primeiros professores “civis” de Educação Física.

Ainda segundo o autor, observamos que no final do século XIX, o trabalho com o físico objetivava forjar um indivíduo forte e saudável, pois ao sair da condição de colônia portuguesa, os governantes brasileiros decidiram formar um método de vida novo diferente do velho método colonial. Devia ser criado um povo novo, que combinasse com uma nação emergente. Esta função coube aos médicos higienistas e aos militares. Os médicos formulariam todo o embasamento teórico sobre a melhoria dos padrões orgânicos e higiênicos, cabendo aos militares a função de aplicá-los na prática.

Para que houvesse a reestruturação do sistema social do país, deveria haver um trabalho voltado ao individual deste sistema, ou seja, a preocupação deveria voltar-se à célula familiar, e a partir de mudanças nesta célula poderia ser modificado todo o sistema.

Em meados da terceira década do século passado o sistema familiar foi considerado pelos higienistas como incapaz de cuidar do bem estar físico-moral de seus componentes. Isto devido à grande mortalidade infantil e às precárias condições de saúde e higiene da família colonial. Lembremos que não muito tempo atrás, a população europeia foi dizimada por grandes pestes, a exemplo da peste negra. O núcleo familiar brasileiro, considerado pelos higienistas como um foco doente e maléfico, deveria ser higienizado. Como? Impondo-se novas condutas, condutas estas físicas, morais e intelectuais, as quais constituiriam o alicerce da nova célula familiar brasileira.

Porém, a despeito de se haver encontrado o centro do problema, como atingi-lo? Como modificar os valores familiares, implantando os princípios higienistas?

Primeiramente, os médicos foram elevados ao “status” de grande conselheiro familiar. Suas funções eram observar, corrigir e educar o corpo físico-social, mantendo-o em estado saudável. Sua luta seria contra o corpo

flácido, doentio e relapso, tornando-o saudável, forte, robusto e harmonioso organicamente.

*“A higiene, enquanto alterava o perfil sanitário da família, modificou também, sua feição social. Contribuiu junto com outras instâncias sociais, para transformá-la na instituição conjugal e nuclear característica dos nossos tempos (...) A família nuclear e conjugal, higienicamente tratada e regulada, tornou-se no mesmo movimento sinônimo histórico de família burguesa...” (Medina, 1988 in Castelani.)*

Também deveriam ser levadas em conta as crianças, pois ao educá-las, atingir-se-iam seus familiares, os adultos. Portanto foram formulados planos educativos direcionados a estas que seriam aplicados nas escolas. Assim, a Educação Física “encontrou” o seu lugar como matéria obrigatória no ensino escolar. Sua meta: homogeneizar o grupo de alunos. Acreditava-se que, se os corpos são compostos por elementos orgânicos iguais, portanto nada mais óbvio que suas capacidades de efetuar coisas iguais. Por esta razão os instrutores deveriam tornar todos os seus alunos melhores e mais capazes.

Vejam os alguns exemplos de como os movimentos e ações, são diferenciados de acordo com a cultura em que a pessoa está inserida:

Jocimar Daolio, em seu livro “Cultura Educação Física e futebol”, cita exemplos contados por Mauss (1974), onde é demonstrado que determinado hábito motor trivial apresenta-se diferente em outra cultura, ou seja, poderá não ser aceito ou praticado se apresentado a uma outra sociedade de outro lugar. Outro exemplo pode ser o fato dos soldados ingleses que apresentaram dificuldades em cavar trincheiras (na guerra) ao utilizar pás francesas, artefato que exigia a utilização de um movimento de giro, feito com a mão. Movimento este que os soldados não conseguiram efetuar e que por conseguinte foi necessária a substituição de oito mil pás.

Rodrigues in Daolio (1986), conta sobre um hábito interessante e até mesmo de difícil compreensão, que é o de alguns povos dormirem em pé, ou seja, na posição vertical, evitando assim tomar a posição horizontal, considerada por eles a posição dos mortos. Isto é que chamamos de medo de morrer!

Nos diz Castellani que esta meta a ser cumprida, implantar a Educação Física nas escolas, como fator educacional, enfrentou grande resistência por parte dos poderosos. Ainda que acreditassem no programa de melhoria da

saúde corporal e física, haviam tabus decorrente de valores sociais, os quais estipulavam que trabalhos manuais eram efetuados apenas por escravos, os chefes de família brancos livres jamais fariam algo que fosse manual, seu trabalho resumia-se a em viver de rendas ou explorar parasitariamente o trabalho dos outros; o branco livre nunca exerceria uma profissão que exigisse o trabalho com as mãos. A Educação Física era relacionada com o vergonhoso e desprestigiado trabalho físico-manual. Não que a atividade física fosse rejeitada pela classe dominante, mais sim a atividade física preenchia o tempo livre e o ócio onde era utilizada. Ocorria que a Educação Física era relacionada à trabalho, atividade física produtiva e não a lazer e diversão.

Esta não foi a única barreira encontrada pelos higienistas, pois quando a atividade física foi implantada nos colégios, houveram protestos gerais quanto a prática destas atividades por mulheres. A aula de ginástica foi recebida com repugnância pelas alunas. De certa forma os pais até se acostumaram com a idéia de ginástica para homens aplicadas em colégios militares, mas, para suas frágeis e delicadas filhas, não.

*“Conforme afirmações dos médicos higienistas, a disciplina do físico seria apenas um instrumento, e a Educação Física passaria então a constituir-se em elemento de extrema validade para colocar em prática o processo disciplinar dos corpos.”*  
(Soares, 1994. pg97)

Depois de muito lutar os médicos conseguiram implantar a idéia de que mulheres também poderiam praticar a atividade física, separando as turmas por sexo e faixa etária. A única forma de exercitar o corpo que seria comum a estas turmas era a ginástica, definida como:

*“Uma série de movimentos simples e combinados, dispostos em certa ordem e próprios para fazerem desenvolver, gradualmente, as peças de que se compõem o nosso organismo.”* (in Soares pg98)

A metodologia “eugênico-higienista” predominou até as décadas de 70 e 80 quando pensadores como Le Boulch, Vayer e outros, revolucionaram o

pensamento na área apresentando metodologias baseadas no desenvolvimento cognitivo e motor. As mudanças não pararam por aí, com o aprofundamento dos estudos nas áreas de humanas, biológicas e outras, surgiram novas correntes de trabalho.

Partindo-se do princípio de que o homem é um ser social, interagindo com o seu meio, modificando-o ou sendo modificado por ele, a Educação Física foi elaborada de forma a atingir todos estes aspectos. Foi tomado como fator relevante, para elaboração do trabalho, o estudo dos elementos culturais e motores de cada grupo social. A partir da aceitação do fato de que, cada indivíduo tem sua bagagem motora que deve ser respeitada, houve um crescimento significativo na área do conhecimento da Educação Física, o que é enriquecedor e fomentando novas pesquisas em relação à área.

Considerando que o movimento humano é elemento de importância como objeto de estudo para a Educação Física e as modalidades esportivas como fenômenos socio- culturais são reconhecidas pelos grupos sociais. Principalmente em função da evolução tecnológica que de certa forma interfere na cultura, através da “educação informal”, as modalidades esportivas de raquete e mais diretamente o “jogo de tênis” passam a fazer parte das reivindicações tanto dos sujeitos do processo, na figura dos alunos, quanto dos projetos políticos pedagógicos das instituições educativas atuais.

**CAPÍTULO IV**  
**TÊNIS DE CAMPO NAS**  
**ESCOLAS, UMA EXPERIÊNCIA**  
**QUE DEU CERTO.**

#### **CAPÍTULO IV – Tênis de campo nas escolas, uma experiência que deu certo.**

Uma cidade como Campinas, contando com uma população de 1.000.000 habitantes, aproximadamente, apresenta uma porcentagem crescente de praticantes da modalidade tênis de campo influenciada pelos meios de comunicação de massa que o divulga de uma forma suficiente para que desperte um grande interesse. Porém, ao mesmo tempo que o divulga, não o oferece na mesma proporção.

Durante muito tempo, o tênis de campo foi considerado como um esporte praticado apenas pela elite, isto deveu-se ao fato de que durante um período do desenvolvimento social, em determinadas regiões do país, algumas pessoas tomavam iniciativas isoladas de promover, em seu grupo, atividades observadas dos imigrantes durante suas festividades, assim aconteceu com o jogo de tênis. Porém o único fator impeditivo da prática desta modalidade pelas comunidades carentes, motivados e interessados nesta prática, era a falta de iniciativa formal e não formal, de pessoas ligadas ao esporte-cultura e ao esporte educação.

##### *4.1 Projeto de tênis de campo oferecido na Unicamp/ extensão.*

Desde a implantação do curso de Educação Física na Unicamp, surgiu a oportunidade de oferecer o “jogo de Tênis”, de forma a este fazer das

cotidiano da população. Foram construídas três quadras oficiais na Faculdade de Educação Física e o esporte passou a fazer parte das práticas da população, tanto o aluno do curso, quanto o professor, os funcionários, a comunidade interna e externa.

Dando oportunidade aos interessados em aprender como praticar o esporte, a Faculdade de Educação Física ofereceu vários cursos de graduação e extensão.

Disciplinas eletivas incluindo a “Tênis de campo recreativo”, tem o intuito de introduzir as regras elementares sem descaracterizar os elementos do “jogo de Tênis”, como fator importante nos comportamentos de respeito às regras de conduta, polidez, cortesia e respeito ao próximo (parceiro/adversário).

Atualmente, o curso de extensão, seguindo os mesmos objetivos anteriormente citados, é aberto à comunidade adulta, dando oportunidade a todos indistintamente, sendo seus preços acessíveis diferentemente dos preços cobrados por esse tipo de atividades no mercado da prática desportiva.

Também são desenvolvidos cursos de extensão para crianças na faixa etária compreendida entre sete a quatorze anos, onde em todos estes cursos de extensão, os alunos da Faculdade de Educação Física atuam como

monitores, demonstrando uma dinâmica bastante eficiente. Esses alunos participam do ensino do jogo de tênis pelos quais, sob a supervisão de um professor, apresentaram bons rendimentos colaborando para que a prática continue a ser propagada e disseminada na sociedade.

Em 1994 o INDESP aprovou o projeto “Tênis para comunidades carentes na cidade de Campinas, o qual foi oferecido em praças públicas na periferia da cidade. Uma praça de cada região administrativa da cidade “Sar Norte”, “Sar Sul”, “Sar Leste” e “Sar Oeste” (SAR: secretaria de administração regional).

No entanto, este projeto teve que ser interrompido por falta de verba para a bolsa da equipe composta por oito monitores. Coincidindo com o término da primeira fase do projeto. Em um outro momento, uma turma de professores da rede municipal de ensino fundamental estiveram na Unicamp e tomaram conhecimento do projeto. Alguns interessaram-se pela idéia e foram combinadas estratégias de ação dentro de suas unidades, ou seja em suas escolas.

O projeto Tênis Comunitário na Cidade de Campinas foi aplicado nas seguintes escolas:

- 1- Escola municipal de Nova Souzas
- 2- EMPG do Jardim Londres

- 3- E.M.P.G. “Padre Melico Cândido Barbosa” -Parque Tropical
- 4- E.M.P.G. “Professor Vicente Ráo- Parque Industrial
- 5- ETE “Bento Quirino”
- 6- E.M.P.G. “Padre Melico Cândido Barbosa”- Parque Industrial
- 7- E.E.P.S.G. Professor “Joaquim Ferreira Lima”- Vila 31 de março.

#### *4.2 Tênis de campo nas escolas.*

No intuito de enriquecer suas aulas de Educação Física e divulgar o Tênis de campo, os professores aplicaram as etapas e metodologias do projeto “Tênis Comunitário” em suas escolas (as escolas anteriormente citadas). Este projeto, elemento da popularização do tênis de campo, foi dividido em duas etapas ou fases. Citaremos os pontos principais de cada uma delas.

- **PRIMEIRA FASE.**

Nesta fase o curso oferecido mostrou uma forma adaptada de utilização do jogo de Tênis onde o “mini-Tênis” foi utilizado com espaços e equipamentos adaptados, mostrando uma realidade possível de se efetuar. Utilizaram-se quadras poliesportivas adequadas para o jogo de tênis sem alterações em seus aspectos físicos.

Os professores tiveram como função:

2. Promover a modalidade esportiva livre da pressão da técnica e do rendimento para as diversas faixas etárias;

3. Organizar os alunos de forma a atribuir funções a seus membros no sentido de manutenção de equipamentos, instalações e controle dos materiais; Limpeza, conservação e utilização racional dos equipamentos.

Os equipamentos utilizados nesta fase foram: raquetes de madeira (tênis de praia) e bolas cobertas de feltro.

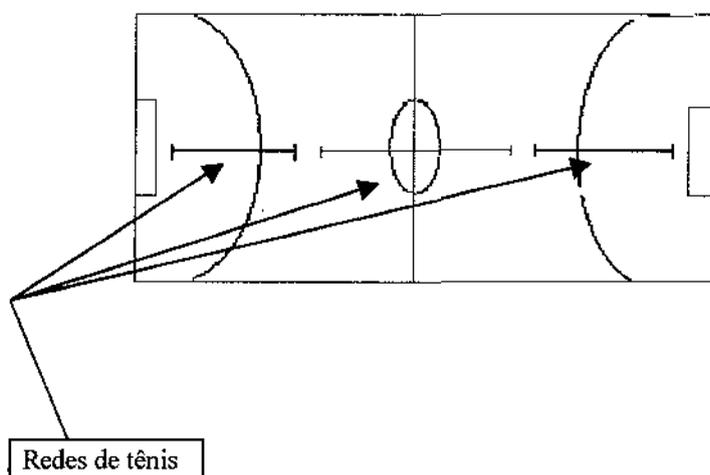
- **SEGUNDA FASE**

Nesta fase seguinte, os materiais oficiais foram introduzidos, e as demarcações das “mini-quadras” foram alteradas, ou seja, aumentadas, completando o ambiente “oficial” do jogo de Tênis. Nesta fase foram utilizadas raquetes dentro das especificações oficiais. Raquetes infantis, para menores de 12 anos, nas medidas “júnior”. Para os acima de 14 anos foram utilizadas raquetes nas medidas L1, L2 E L3. Nesta fase, as bolas utilizadas também passaram a ser as oficiais do Jogo de Tênis.

Documentamos uma aula efetuada na escola Marta Maria (Jardim Londres), através de filmagem em vídeo. Este vídeo nos mostra o projeto em sua primeira fase. Descreveremos a seguir uma aula ministrada.

Documentamos uma aula efetuada na escola Marta Maria (Jardim Londres), através de filmagem em vídeo. Este vídeo nos mostra o projeto em sua primeira fase. Descreveremos a seguir uma aula ministrada.

A quadra poliesportiva da escola foi subdividida em três mini-quadras, cada uma com sua rede de tênis.



A partir de um momento da aula, quando o jogo for inserido, as “quadras” terão suas demarcações ou seja, suas linhas divisórias.

A aula começa com um aquecimento no qual, cada aluno recebe uma bolinha de tênis e deve manuseá-la de múltiplas formas. Depois aparecem muitas formas de deslocamento. Os exercícios são modificados, passando a ser em forma de parceria e equipes.

São distribuídas as raquetes e os alunos passam a manusear o material de forma mais complexa, tendo como desafio um controle mais eficaz. O próximo passo é a aproximação às situações do jogo de tênis propriamente

dita.

O professor observa os movimentos e a evolução dos exercícios sem interferir e percebe que, alguns alunos colocaram-se cada um em um lado da rede e “trocaram bolas” tendo a rede como obstáculo a ser transposto.

Terceiro momento da aula. O professor demonstra algumas rebatidas, “trocando bolas” com um aluno, cada um disposto de um lado da rede. Ensina como se deve colocar, segundo a regra de tênis, a bola em jogo (a regra determina que a bola não deve tocar o chão antes da rebatida com a raquete, no saque). Formam-se duplas, as quais rebatem bolas de um lado ao outro da rede.

O professor determina que as crianças coloquem-se dos dois lados da rede e rebatem bolas livremente e demarca as linhas divisórias do campo. Nesta fase os próprios alunos organizam-se, indicando onde seus colegas deverão se colocar para que nenhum espaço fique livre, ou seja, para que “não haja buracos no campo”.

Continuam-se as rebatidas, muda-se o exercício. Permanecem dois alunos em cada lado da rede (quatro por campo), retira-se uma raquete de cada dupla e desta forma duas pessoas terão de utilizar a mesma raquete. A cada rebatida “errada” troca-se o aluno que está rebatendo, ele sai entregando a raquete para o seu companheiro que estava esperando a sua vez

permanecer mais uma rodada em quadra. A substituição ocorre após 3 erros. Desta forma, a dupla que errar 3 vezes, será substituída pela dupla que está aguardando.

#### *4.2.1 Comentários sobre a aula/ pedagogia empregada.*

Em um primeiro momento da aula os alunos aparecem quicando a bolinha de tênis no chão. Consideramos que na iniciação ao tênis de campo o aluno deve ter contato com todos os materiais e implementos deste esporte, manipulando-o de forma a conhecê-lo. Para que este conhecimento seja adquirido o aluno deverá manipular o material de diversas formas, algumas destas formas são, quicá-lo, apertá-lo, jogá-lo para o alto aparando-o com as mãos, rebatendo-o com as mãos, chutando-o e outros.

Em contato com a raquete, o professor deve estimular os alunos a explorarem os cinco lados da mesma (as duas faces com corda, o cabo, as bordas laterais, e a borda superior) para efetuar a rebatida da bola. Um bom educativo para isso é rebater a bola com a raquete, quicando-a no chão, seguindo as linhas das quadras.

A rebatida em duplas, trios, ou mais é interessante e apresenta um grau maior de dificuldade, porque agora a pessoa deverá rebater uma bola lançada anteriormente pelo seu colega, com velocidade e força diferentes. Em uma primeira fase na iniciação, dificilmente esta bola virá “na mão” do

companheiro. Os exercícios com a rede, obstáculo a ser transposto, aparecem a partir do momento em que o aluno já tenha uma facilidade maior em efetuar o movimento.

Após um relativo domínio por parte dos alunos em relação ao movimento, as regras de jogo serão colocadas. Como colocar a bola em jogo e outras (saque cruzado), sem a preocupação de ensinar técnica, deixando que cada aluno apresente o seu movimento.

A partir desta apresentação o professor irá corrigir os erros apresentados que comprometem a eficiência do movimento. Esta correção não se trata de segurar as mãos do aluno e dizer como é que o Gustavo Kuerten efetua aquela rebatida.

Os mini jogos de duplas onde errou três vezes/saiu, são empregados para que os alunos tenham uma vivência de um jogo de duplas, ao mesmo tempo que são rápidos, proporcionado com que todos os alunos possam participar. Um outro fator importante abordado é o de que, o jogo oficial de tênis é composto por games e estes por 4 pontos, ou seja quatro erros do adversário.

Em um jogo, uma quadra de tênis de campo comporta no máximo oito pessoas, em jogos de duplas e duas em jogos simples. Este fator não impede o professor de efetuar jogos adaptados, (para evitar que alguns alunos

pessoas, em jogos de duplas e duas em jogos simples. Este fator não impede o professor de efetuar jogos adaptados, (para evitar que alguns alunos fiquem jogando e outros fiquem de fora) colocando mais alunos no espaço, por exemplo seis pessoas, em cada campo, efetuando um rodízio semelhante ao voleibol.

## 5 *Conclusão*

A escola é um dos lugares também responsáveis por todo desenvolvimento cultural no universo dos estudantes. E ela é a instituição responsável pela popularização do tênis de campo em conjunto com as outras instituições sociais.

Fazendo uma crítica aos nossos anos escolares, pudemos ter contato com vários tipos de esportes e jogos em nossas aulas de Educação Física, porém nunca tivemos contato com o tênis de campo nessas aulas. Este trabalho de final de curso pretende mostrar que é possível implantar este esporte nas escolas, sem haver a necessidade da construção de quadras oficiais, utilizando-se as próprias quadras poliesportivas, adaptando o jogo minimizando-o (mini-tênis) e adaptando os seus materiais (raquetes de madeira).

*REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS*

CASTELLANI filho, Lino. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas, S.P.: Papirus, 1994.

DAOLIO, Jocimar. *Cultura Educação Física e Futebol*. Campinas, S.P. : Editora da Unicamp, 1997.

*Educação Física: contribuições à formação profissional/ Coord. Jorge Sérgio Perez Gallardo. 2ª ed. Ijuí:Ed. UNIJUI,1997.*

MARINHO, Inezil Penna. *História da Educação Física no Brasil*. São Paulo, S.P.: CIA Brasil.

SOARES, Carmem Lúcia. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas, S.P: editora Autores Associados, 1994.

TANI, et al. *Educação Física escolar, fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo, S.P. Edusp,1988.